

Trabalho e Informalidade

Análise sociológica do filme “Os Informais” (2015)

Vinicius Peres do Amaral



O vídeo “Os Informais”, retrata como é o dia a dia no trabalho de pessoas que vivem na informalidade, apartados de um trabalho organizado, a partir de narrativas de trabalhadores precários. O vídeo faz parte de uma sequência de vídeos de um projeto intitulado “Cine Trabalho”, é uma atividade da disciplina de Sociologia do Trabalho ministrada pelo Prof. Dr. Givanni Alves. O filme proposto traz possibilidades de análise de cunho sociológico, mais precisamente no âmbito do trabalho, nesse caso, o trabalho informal. A abordagem da rotina de trabalho, levanta questões sobre a vida trabalhista e social dos entrevistados. O vídeo pode ser considerado como material para pesquisa e

análise social, a partir das experiências realizadas pelos entrevistados no decorrer de suas vidas.

A princípio o vídeo apresenta um vendedor de rua, Wagner, 41 anos, ex-metalúrgico, trabalha vendendo doces, flores, e alguns outros produtos. O vendedor trabalha normalmente nas proximidades do Cmitério da Saudade em Marília- SP.

Wagner explica que o movimento nem sempre é grande, no entanto, com os valores que fatura comercializando seus produtos, por mais que não sejam altos, ele sobrevive e contribui para o sustento de sua família, que são a esposa e dois filhos. Ressalta que era metalúrgico, porém, teve problemas na coluna, problemas que o impossibilitaram de prosseguir na profissão.

Quando lhe é questionado sobre planos futuros envolvendo trabalho, o vendedor esclarece que tem pouca escolaridade, por isso prefere manter o foco no trabalho que tem agora, portanto, não almeja sair da informalidade. A falta de perspectiva pode estar relacionada com a idade e falta de escolaridade. A banca que hoje Wagner utiliza no trabalho, foi anteriormente de seu falecido sogro.

A falta de perspectiva sobre o futuro, não é vista por Wagner como algo a se problematizar, sente orgulho de ter deixado a escola na sexta série para poder trabalhar e ajudar os pais. Wagner diz que não pode se queixar pelo que ganha, pois tem casa para morar e reconhece que pela falta de escolaridade, sua condição é razoavelmente boa.

Na data do vídeo Wagner já trabalhava na informalidade há sete anos e meio. O vendedor explica que não é aposentado por seu problema de saúde, um sério problema de coluna que o deixou acamado por um ano e, conseqüentemente, encerrou sua carreira de metalúrgico. A necessidade de se manter economicamente contribuiu para a informalidade. A falta de escolaridade e trabalho precoce são nitidamente notados, também é notada a inteligência teórica que Wagner tem sobre a metalurgia, se apresenta como autodidata em aprofundamentos sobre a área, e diz claramente que se fosse uma questão de escolha, trabalharia na profissão de metalúrgico, não na informalidade.

A segunda trabalhadora informal entrevistada chama-se Patrícia, tinha 44 anos na data do vídeo. É ex-catadora de materiais recicláveis e atualmente trabalha de flanelinha nas proximidades do Cemitério da Saudade em Marília-SP. A priori, Patrícia explicita que é divorciada, trabalha para sustentar seus filhos, é moradora da comunidade Argolo

Ferrão, fala que mora em uma humilde casa, mas é grata a Deus por ter onde morar. Há uma relação entre condição e aceitação dessa condição por meio da fé.

Já foi coletora de recicláveis parte de sua vida, no entanto, algumas doenças crônicas, dentre elas asma e pressão alta, dificultaram o trabalho com recicláveis que demandava mais força física.

O trabalho informal de “flanelinha”, resume-se em tomar conta dos veículos que estacionam nas proximidades do Cemitério da Saudade. Patrícia explica que o trabalho de olhar carros é fundamentalmente informal, não garante respaldo de todos os veículos que ela toma conta, não há valor determinado, fica a critério do dono do veículo pagar ou não pelo trabalho, também não há obrigatoriedade no pagamento.

Patrícia trabalha de segunda a domingo, e também nos feriados. Explica que para organizar seu dia comum, precisa acordar às cinco da manhã todos os dias. Divide o território que toma conta com outros dois rapazes, revezam o trabalho e ajudam uns aos outros.

A informalidade acarreta um tipo de salário instável, Patrícia explica os valores recebidos pelo trabalho são variados, as vezes nenhum. Não há estrutura, organização formal, o trabalho desempenhado demonstra a marginalidade do trabalho informal, não há estabilidade de nenhum tipo.

A falta de escolha é notável, Patrícia salienta que não sabe ler nem escrever de forma correta. O analfabetismo-funcional, somado à saúde comprometida em alguns aspectos, foram fatores determinantes para a marginalidade e para um caminho informal no âmbito social e também no âmbito do trabalho. Patrícia explica que já teve auxílio pedagógico de uma aluna universitária, entretanto, não frequentou o ensino regular. Patrícia diz que “batalha para sobreviver”. Está na informalidade há oito anos. Suas atividades se resumem a ir de casa para o trabalho, e vice-versa, as vezes vai a igreja. Atividades que se limitam a rotina da informalidade, o que gera um tipo de acomodação pela falta de oportunidades e políticas na realidade social que a envolve. Patrícia agradece o pouco que tem, não apresenta plano futuro, se apega na condição de informalidade, compreende suas necessidades, compreende a falta de opções plausíveis. Com a idade avançada e pouca escolaridade, fica evidente o receio em correr qualquer tipo de risco que ameace sua subsistência.

O terceiro trabalhador informal entrevistado chama-se Sr. Leonardo, trata-se de um vendedor de lanches, em frente a Unesp de Marília.

O vendedor destaca que trabalha no local desde 1999, iniciou o trabalho informal por necessidades de subsistência, esclarece que vende sanduíches para sobreviver.

A rotina de trabalho do Sr. Leonardo vai de segunda a sexta, trabalha das 18:00 horas até aproximadamente 23:00 horas. Comercializa sanduíches e vende doces, salgadinhos etc. O Sr. Leonardo aparenta ter cerca de 60 anos, provavelmente, uma idade avançada para quem faz o pré-preparo de ingredientes dos lanches e ainda prepara manualmente esses lanches no ato da venda.

Podemos notar que a informalidade, no âmbito do trabalho, impossibilita os trabalhadores de terem uma relação mais justa com o trabalho. A falta de oportunidades e a grande concorrência pelas vagas do mercado de trabalho, somadas a falta de escolaridade culminam em um campo de trabalho marginalizado, de trabalhos informais, sem direitos, sem estabilidade, com pouca rentabilidade, muito esforço físico, muitas horas de trabalho e baixa consideração social pelas posições subalternas ocupadas.

Em uma sociedade capitalista, segundo Giovanni Alves (2011)¹ nesse modelo social a condição de “proletariedade” está essencialmente interligada a existência de classes antagônicas. Para ele, a condição de proletariedade é relacionada a necessidade de sobrevivência, não é uma questão de escolha. Os trabalhadores não se sujeitam as condições impostas pelo capitalismo por escolha própria, trata-se de uma alienação sistêmica. O autor contribui para uma compreensão mais objetiva sobre o conceito de “condição”. A condição é dada como um destino, que vem de geração em geração, isto no sistema vigente, um tipo de despossessão irremediável. Essa condição, de proletariedade, conseqüentemente, afeta os mais desfavorecidos pela sociedade, afeta os mais carentes, a parte pobre da sociedade. Da mesma forma, a informalidade, pode ser relacionada como agravante da falta de equalização social e das injustiças sociais relacionadas ao mundo do trabalho.

Ficou evidente que a desigualdade social é geradora de trabalhos informais dos mais variados, também ficou visível que as conseqüências da desigualdade sempre

¹ ALVES, Giovanni; SELEGRIN, Esdras. *A Condição de Proletariedade: Esboço de uma analítica existencial da classe do Proletariado*. Universidade Estadual Paulista, 2011.

atingem o proletário diretamente. O privam de ter uma educação de qualidade, ou até mesmo uma educação básica que seja, o privam de ter uma trabalho formal, com direitos constitucionais garantidos e os tornam cada vez mais pobres, os deixando viver na margem da sobrevivência.